

DOSSIÊ RELIGIÕES, ESPIRITUALIDADES E EDUCAÇÃO

doi: [10.25247/paralellus.2023.v14n35.p801-825](https://doi.org/10.25247/paralellus.2023.v14n35.p801-825)

**A EDUCAÇÃO COMO PROJETO PARA A IGREJA CATÓLICA EM
GOIÁS NO BISPADO DE DOM EMANUEL GOMES DE OLIVEIRA**

EDUCATION AS A PROJECT FOR THE CATHOLIC CHURCH IN GOIÁS
DURING THE BISPATE OF EMANUEL GOMES DE OLIVEIRA

LA EDUCACIÓN COMO PROYECTO PARA LA IGLESIA CATÓLICA EN
GOIÁS EN EL EPISCOPADO DE DOM EMANUEL GOMES DE OLIVEIRA

*Vanessa Carnielo Ramos Gomes**

*Robson Rodrigues Gomes Filho***

RESUMO

O proposto artigo busca analisar a maneira pela qual o bispo Dom Emanuel Gomes de Oliveira utilizou a educação como um meio para concretizar seu projeto de Igreja no estado de Goiás. Esse projeto, de natureza principalmente política, visava estabelecer a Igreja Católica como uma instituição central nos planos de modernização do estado, em um contexto de restrições políticas à influência da instituição. O artigo se estrutura em duas partes: na primeira, discutimos o projeto de educação e o discurso modernizador de Goiás em Dom Emanuel Gomes de Oliveira. Na segunda parte, exploramos o comprometimento de Dom Emanuel com investimentos na área educacional, destacando como tais esforços se conectavam aos seus objetivos políticos e religiosos. O artigo visa, assim, apresentar conclusões substanciais sobre

* Doutora em História da Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Membro da rede de pesquisa: "História e catolicismo no mundo contemporâneo". Docente da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Sul, sede Morrinhos, Curso de História. Docente da Secretaria Municipal de Educação de Morrinhos (GO). E-mail: vanessacarnielorg@gmail.com.

** Doutorado em História em regime de dupla-titulação pela Universidade Federal Fluminense e pela Katholische Universität Eichstätt-Ingolstadt (Alemanha). Mestrado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (2012) e graduação em História pela Universidade Estadual de Goiás (2009). Atualmente desenvolve estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, na Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: robson.gomes.filho@gmail.com.

o papel crucial da educação nos empreendimentos eclesiais de Dom Emanuel durante sua gestão em Goiás.

Palavras-chave: Dom Emanuel Gomes de Oliveira; Educação; Goiás;

ABSTRACT

The aim of the present article is to demonstrate how education served as a conduit through which Bishop Emanuel Gomes de Oliveira sought to realize his Church project for the state of Goiás. This project, primarily political in nature, revolved around the endeavor to secure a pivotal position for the Catholic Church in one of the most fundamental aspects of Goiás' "modernization projects," thereby rendering it an indispensable institution for the State during a critical period of institutional political constraints. To achieve this objective, the article is divided into two sections: the first section examines the education project and the modernizing discourse of Goiás in Dom Emanuel Gomes de Oliveira. In the second section, the paper delves into Dom Emanuel's tangible investments in the realm of education, arguing how these investments were intertwined with his political and religious agendas. Consequently, the paper presents arguments and conclusions elucidating the substantial weight and significance of the educational sector in Dom Emanuel's Church endeavors during his tenure in Goiás.

Keywords: Emanuel Gomes de Oliveira; Education; Goiás.

RESUMEN

El artículo propuesto busca analizar la manera en que el obispo Dom Emanuel Gomes de Oliveira utilizó la educación como medio para concretar su proyecto eclesial en el estado de Goiás. Este proyecto, de naturaleza principalmente política, tenía como objetivo establecer a la Iglesia Católica como una institución central en los planes de modernización del estado, en un contexto de restricciones políticas a la influencia de la institución. El artículo se estructura en dos partes: en la primera, se discute el proyecto educativo y el discurso modernizador de Goiás bajo la dirección de Dom Emanuel Gomes de Oliveira. En la segunda parte, se explora el compromiso de Dom Emanuel con inversiones en el ámbito educativo, destacando cómo dichos esfuerzos se conectaban con sus objetivos políticos y religiosos. El artículo busca, de este modo, presentar conclusiones sustanciales sobre el papel crucial de la educación en las empresas eclesiales de Dom Emanuel durante su gestión en Goiás.

Palabras claves: Dom Emanuel Gomes de Oliveira; Educación; Goiás.

1. INTRODUÇÃO

A proposta do presente artigo é demonstrar como a educação foi um caminho por meio do qual o bispo Dom Emanuel Gomes de Oliveira buscou realizar seu projeto de Igreja para o estado de Goiás. Tal projeto, político antes de tudo, passava pelo esforço

de tomar para a Igreja Católica um dos setores mais fundamentais dos “projetos de modernização” de Goiás, tornando-a uma instituição, por isso, indispensável para o Estado em um momento crucial de [de]limitações de espaço político da instituição.

Para logarmos tal propósito, portanto, dividimos nosso artigo em duas seções: na primeira discutiremos o projeto de educação e o discurso modernizador de Goiás em Dom Emanuel Gomes de Oliveira. Na segunda, discutiremos os investimentos efetivos de Dom Emanuel na área educacional, argumentando como tais investimentos estariam ligados a seus projetos político e religioso. Desse modo, apresentaremos nossas argumentações e conclusões sobre o peso e importância de fato do setor educacional para os projetos de Igreja de Dom Emanuel em sua gestão em Goiás.

2. OS PROJETOS DE DOM EMANUEL GOMES DE OLIVEIRA PARA A EDUCAÇÃO EM GOIÁS

Nas palavras do Cônego José Trindade da Fonseca e Silva, um dos mais importantes braços-direitos de Dom Emanuel Gomes de Oliveira na política goiana, ecoa uma das principais referências ao bispo quando se trata da narrativa de sua gestão em Goiás: teria sido ele “objetivamente aclamado Arcebispo da Instrução”. Isso significa que, caso a interpretação do Cônego esteja correta, ainda que haja margem para contestação de que tenha sido ele o “prelado da providência” – pelos trabalhos realizados e “tormentas acostumadas a quem governa uma diocese” –, não o há quando se trata da sua supostamente indiscutível contribuição à educação em Goiás. Mas condiz isso de fato com a realidade histórica? Se sim, por quais motivos seria a educação uma área de tamanha importância em seu bispado?

Nossa interpretação na direção de que Dom Emanuel teria desenvolvido em Goiás, entre as décadas de 1920 e 1950, um verdadeiro projeto político, religioso e eclesial para a Igreja goiana; algo que rendeu a esta instituição, especialmente junto ao Estado, uma posição de força política de que não gozara em momento algum passado até então. Os caminhos para isso, todavia, não passaram unicamente pelo controle eclesial da diocese face às demais forças religiosas católicas em Goiás, como a congregação redentorista, ou nas disputas junto ao Estado por influência e poder em determinadas áreas da sociedade. Antes, a educação parece ter sido um

dos principais caminhos por meio do qual a Igreja sob Dom Emanuel logrou êxito neste projeto.

O isolamento de Goiás dos grandes centros urbanos do Brasil ao longo de todo o século XIX, marcado sobretudo por um longo processo de ruralização, fruto do declínio da atividade mineradora desde o fim do século anterior, gerou como consequência um verdadeiro abismo entre o intenso processo de consolidação da modernidade técnica e cultural da Europa – algo já em certa medida iniciado no litoral brasileiro – e o letárgico desenvolvimento urbano e social de Goiás. Enquanto na Europa “aquilo que até então era realizado pelo cavalo, pelo vento ou pela água, agora passava a ser efetuado pela máquina” (Koselleck, 2014: 140), e na capital brasileira, a “Grande Reforma Urbana” já marcava o Rio de Janeiro pelos ideais de modernização e progresso nos primeiros anos do século XX (Azevedo, 2003), neste mesmo período, qual seja, o final do século XIX e início do XX, a expressiva maioria da população em Goiás praticamente “vivia como se Lisboa, Paris ou Rio de Janeiro não existissem” (Oliveira, 2006: 60).

Esta realidade em Goiás permaneceu assim ao longo de um lento processo de tentativas de modernização que durou praticamente toda a primeira metade do século XX. Os principais promotores da transformação dessa realidade, portanto de uma “modernização” de Goiás, entretanto, são diversos. Políticos como Francisco Ayres da Silva, Antônio Americano do Brasil, ou mesmo Pedro Ludovico Teixeira, são normalmente lembrados pela pujança de projetos urbanos e ferroviários que transformaram lentamente o sertão goiano (Nunes, 2016). Todavia, houve ainda uma singular participação da Igreja Católica, especialmente sob a ação dos redentoristas, cuja importância é normalmente pouco lembrada. Sob a condução dos missionários redentoristas, o então sul goiano conheceu importantes avanços urbanos, como saneamento pluvial, eletricidade, telegrafia, dentre outras coisas, implantadas em primeira mão pelos religiosos alemães em Goiás. (Gomes Filho, 2018)

Esta participação direta da Igreja Católica, no discurso e na prática, do processo de modernização do Estado de Goiás, segundo Robson Gomes Filho, se deu em razão da necessidade de adaptação da instituição à nova realidade recém-imposta pela Proclamação da República no país. Neste contexto, cujo discurso do progresso e da

modernização sustentavam a legitimidade da nação brasileira, a Igreja Católica sofria não somente com a vitória do liberalismo e positivismo na política nacional – e, no caso de Goiás, regional –, mas especialmente com a laicização do Estado, que garantia a ampla concorrência religiosa à instituição em todas as áreas que outrora detinha monopólio. Todavia, sobre essa adaptação católica à nascente modernidade brasileira, alerta o historiador goiano que

Diferentemente da modernidade oitocentista – qual seja, iluminista, liberal, e anticatólica –, a adaptação católica ao mundo moderno não é mais do que um arranjo, um mosaico conservador que se apropriou de elementos essencialmente modernos, como a razão, o nacionalismo e o progresso; um conservadorismo travestido de adaptação, ou, para nos utilizarmos da terminologia de Peter Burke, uma “contrafação católica”. Em termos temporais, portanto, trata-se de um abandono do medievalismo e do apego tridentino ultramontano, permitindo-se a abertura de possibilidades de futuro cada vez mais distantes do passado experimentado nos séculos anteriores. Portanto, em termos gerais, a “modernidade católica”, enquanto adaptação da Igreja ao mundo que a circundava no século 20, é essencialmente antimoderna (Gomes Filho, 2018: 255).

Neste sentido, ainda que a modernização – enquanto um processo de tentativa de alcance daquele que se vê atrasado àquele que se entende como “moderno” – de Goiás tenha se dado sobretudo nas transformações urbanas, viárias e industriais, uma das áreas de maior destaque no discurso modernizador/civilizador, especialmente a partir da década de 1920, foi a educação. Segundo Miriam Fábila Alves (2007: 35),

Uma das condições, de acordo com o discurso republicano para o alcance de um projeto civilizador, era a ampla difusão da instrução que produzisse um povo consciente de seus direitos e deveres, mas também, legítimo em sua representação. [...] Nessa perspectiva, a instrução era vista como exigência de preparação do povo para a cidadania, mas também como mola propulsora desse modelo civilizacional a ser seguido. Apesar disso, a escolarização, como constituição de uma rede de escolas primárias, caminhava a passos lentos em Goiás.

No caso específico do nosso objeto de pesquisa, Dom Emanuel utilizou-se largamente desses discursos para legitimar a educação como meio de se alcançar o futuro almejado para o estado de Goiás. Todavia, podemos destacar dois elementos fundamentais utilizados pelo prelado em seus discursos: a civilização e a modernização/progresso.

Não obstante à polissemia que o conceito de “civilização” guarda em si, é possível afirmar que a ideia geral do que é ser civilizado encerra uma distinção de si em relação a um “outro”, tomando por base valores, crenças, costumes, técnicas, etc. Por meio de tal distinção, acredita-se ser superior a este outro, a quem se denomina “bárbaro”, “incivilizado”, ou “primitivo”, contraposto a si, visto como “civilizado” (Elias, 2011: 23ss). No caso cristão, é comum desde os primeiros séculos da era atual a ideia de que o cristianismo seja a “causa” da civilização ocidental, como argumentava Agostinho de Hipona em sua famosa *Cidade de Deus*:

Toda a devastação, carnificina, pilhagem, conflagração e toda angústia que acompanhou o recente desastre em Roma estavam de acordo com a prática geral de guerra. Mas houve algo que estabeleceu um novo costume, algo que mudou todo o cenário; a selvageria dos bárbaros assumiu um tal aspecto de bondade que as maiores basílicas foram escolhidas e reservadas para acolher as pessoas que deveriam ser poupadas pelo inimigo. Ninguém deveria ser violentamente usado ali, nem tirado dali. Muitos foram levados para lá para libertação por inimigos misericordiosos; ninguém deveria ser levado de lá para o cativeiro, mesmo por inimigos cruéis. Isto deve ser atribuído ao nome de Cristo e à influência do cristianismo. Quem não perceber isso é cego; quem perceber e não o exaltar é ingrato; quem tentar impedir que outro o exalte é louco (Agostinho, 1996: 115).

Este tipo de argumento providencialista que torna a manutenção da civilização ocidental dependente do cristianismo está igualmente presente no discurso do nosso objeto de pesquisa. Segundo Dom Emanuel, em discurso no Colégio Santa Clara, na condição de paraninfo da turma de formandas normalistas de 1954, ao converter os povos bárbaros, a Igreja Católica salvaguardou os fundamentos da civilização ocidental presentes no mundo clássico e ainda garantiu, nos séculos que se sucederam, o caminho para a verdadeira ciência. Nas palavras do prelado:

Aproveitando o que convém e rejeitando o inaproveitável, lançou a Igreja os fundamentos da nossa civilização e, quando os bárbaros desfizeram os quadros do mundo romano, foi precisamente a Igreja que preservou e conservou o patrimônio da cultura antiga. Convertendo os bárbaros, ela elaborou a civilização do Ocidente, nas luminosas fráguas da Idade Média. Convertendo os bárbaros, ela elaborou a civilização do Ocidente, nas luminosas fráguas da Idade Média. Em nenhum período, escreve Gibbons, o grande cardeal norte-americano, em “Our Christian Heritage” teve a Igreja maior autoridade do que do século XII ao XVIII. Desenvolveu não só um poder espiritual, mas também temporal e exerceu sua influência nos princípios da cristandade. Esse é o período da criação e desenvolvimento das universidades na Europa. Durante esses seis séculos, fundaram-se

dezenas de universidades na França, na Itália, na Inglaterra e Irlanda, na Espanha e na Bélgica. Em época alguma, teve maior liberdade o entendimento humano. Nenhuma questão da ciência especulativa escapou à investigação dos intelectuais. Exploravam-se, com êxito todos os campos da ciência e da arte. Nas batalhas, em prol da verdade, empregavam-se as armas naturais (Oliveira, 1954).

O recorte temporal imposto por Dom Emanuel até o século XVIII tem sua razão de ser. Segundo Reinhart Koselleck, o que chamamos hoje de “modernidade” somente se impôs de fato a partir do século XIX, e com ela não somente um conjunto acelerado de transformações técnicas, mas igualmente de valores (Koselleck, 2012). Tais transformações tiveram por parte da Igreja Católica uma acirrada oposição, rompida gradativamente somente a partir do século XX (Gomes Filho, 2019). A partir daí, a progressiva adaptação da Igreja Católica ao mundo moderno se deu sobretudo na permissão da apropriação desta pela modernização técnica – tanto em nível prático, quanto discursivo –, mantendo-se, no que tange os valores, expressamente conservadora, como afirmamos há pouco.

No caso de Dom Emanuel, apesar de o prelado mostrar-se sempre reticente às novidades dos valores modernos, foi com grande abertura que o bispo acolheu as mais diversas formas de modernização técnica, como na adoção do carro em substituição aos muare na locomoção em Goiás,¹ no incentivo e uso do cinema para entretenimento e evangelização (Quadros, 2013), dentre outras “novidades técnicas” expressamente bem quistas por Dom Emanuel, como ele mesmo reconhece em carta ao Pe. João Batista Kiermeier em maio de 1925: “Acho que a eletricidade, motor à explosão e o rádio, nas suas aplicações práticas, são benefícios de que nos devemos valer para nos multiplicarmos ou os meios de nossa atividade e ação” (COPRESP-A, 9º Volume – 1925-1927. Carta nº. 2686).

Todavia, para além da modernização técnica, urbana e viária, como referimos há pouco, também a expansão da rede de ensino público passou a ser vista, especialmente com a chegada dos ideais escolanovistas a partir da década de 1920 em Goiás, como uma das principais molas propulsoras do progresso para o estado. É neste sentido que, assim como a Igreja Católica se apropriou de importantes

¹ Dom Emanuel chegou a adquirir um avião para sua locomoção pela diocese goiana ainda na década de 1920. Ver: Oliveira (1955)

elementos discursivos e práticos dos ideais modernizadores – inicialmente ligados ao liberalismo –, como o nacionalismo, o racionalismo, e a benção do avanço técnico, etc.², no que tange a educação tal apropriação se deu de forma bastante semelhante. Entretanto, nesta área, a diferença central se deu no fato de que, enquanto nos primeiros casos a Igreja precisou avançar sobre temas e campos até então longe de seu domínio, no caso da educação tratou-se de uma intensa tentativa de retomada de um espaço outrora parcialmente cedido ao ensino laico e constantemente ameaçado pelo significativo aumento de fundação de escolas protestantes (Azzi, 2008: 153-155).

Assim, tanto em nível nacional, quanto regional e local, a Igreja Católica viu na educação um dos principais caminhos para trilhar um triunfal retorno à condição de hegemonia política no Brasil. Como destaca Lúcia Helena Moreira de Medeiros Oliveira,

Grassa, nesse momento, sob as lideranças eclesiais brasileiras o desejo de obter a supremacia espiritual sobre o povo, a consolidação de uma nação eminentemente católica e orientada sob os princípios da Santa Sé. Para atingir esse objetivo, tais lideranças contaram com inúmeras escolas, colégios, seminários e noviciados, tanto femininos quanto masculinos (Oliveira, 2012: 505).

A retomada do foco católico sobre o campo da educação no Brasil, como bem ressaltou Riolando Azzi (2008), se deu especialmente a partir da publicação da já referida encíclica de Pio XI, *Divini illius Magistri*, em 31 de dezembro de 1929. Tal encíclica, porém, não se constituiu, na época, em um projeto político-institucional católico sobre a educação. Antes, trata-se de uma base teológica e eclesial para o combate às novas tendências pedagógicas laicas, mas que, no Brasil, acabou por tornar-se o fundamento de verdadeiros projetos de retomada de poder, o que a historiografia brasileira caracterizou ora como “Restauração”, ora como “Neocristandade” (Gomes, 2019).

² Em sua tese de doutoramento, Robson Gomes Filho discute mais profundamente esta adaptação católica a elementos modernos, como o uso do nacionalismo (outrora perseguido pelo ultramontanismo oitocentista) para o combate ao protestantismo, do racionalismo científico para o combate ao espiritismo e curandeirismos populares, ou mesmo do uso do cinema (outrora também combatido) para evangelização. Ver: Gomes Filho (2018).

Tais ideais e projetos de restauração de uma espécie de “cristandade” católica por meio da educação estiveram igualmente expressos nos discursos de Dom Emanuel. Segundo o bispo,

[...] Nossos melhores esforços, nossos mais árduos labores têm sido orientados no sentido de disseminar por todos os recantos da Arquidiocese os estabelecimentos de ensino em quem, Deus louvado, se opera a renascença do grande Estado de Goiás. Vós mesmas sois mimosos frutos do incansável labor desenvolvido pelas apostólicas Irmãs Franciscanas, que abrigam, só neste bairro de Campinas, mais de mil e quinhentos alunos. Na extensão da nossa Arquidiocese muitas outras religiosas e, bem assim, sacerdotes e leigos, entregam nesta quadra do ano valores novos para a sociedade. E o que é isto senão o empenho permanente e ardoroso da Igreja, em prepara os alicerces da restauração de tudo em Cristo! (Oliveira, 1954).

A “restauração” proposta por Dom Emanuel em seu discurso à turma de formandas normalistas do Colégio Santa Clara, em 1954, claramente não se refere a um retorno ao passado medieval – como em muitos casos chegava a propor os ultramontanos do século XIX –. Antes, unida a uma ideia de “renascimento do grande estado de Goiás” – portanto, inserido no discurso da decadência, típico ainda das primeiras décadas do século XX – (Chaul, 2002), a proposta é a “restauração de tudo em Cristo”, mas por meio de “valores novos para a sociedade”. É, portanto, o ideal do projeto de educação de Dom Emanuel – como o é da Igreja como um todo – a intervenção da Igreja Católica na formação de homens e mulheres que não estejam alheios ao seu tempo – no que tange a ciência e a técnica –, mas que se preservem nos valores de uma proposta de sociedade fundamentalmente antimoderna. Tal perspectiva está explícita em outro discurso do bispo a professores, cuja data o documento encontrado avulso nos arquivos do IPEHBC não nos permite precisar. Segundo Dom Emanuel:

Educadores de hoje, que do passado tirais normas seguras, que ideal de homem deveis preparar para o futuro? Vós o encontrareis fundamentalmente delineado no perfeito cristão. E com dizer perfeito cristão, entendemos aludir ao cristão de hoje, homem do seu tempo, conhecedor e cultor de todos os progressos trazidos pela ciência e pela técnica, cidadão não alheio à vida que se desenvolve hoje, na sua terra. O mundo não terá que se arrepender se um número sempre crescente de tais cristão intervirá em todas as ordens da vida pública e privada. Compete em grande parte a vós mestres predispor esta benéfica intervenção, endereçando os ânimos dos discípulos a descobrir as inexauríveis energias do cristianismo na obra de melhoramento e renovamento dos povos. Portanto não poupareis fadigas para despertar a seu tempo sua consciência moral, de modo

que, com o passar dos anos, o “homem honesto” não aflore, quase que por um golpe de fortuna, como a última aventura de uma vida mais vezes naufragada. Sobre tal fundamento formai homens de ciência e técnica. Não sucederá incutam eles temor ao mundo, como acontece hoje, por ter a ciência despertado – juntamente com a admiração – quase o terror de si entre os povos e suscitado formidáveis problemas políticos, sociais, internacionais; consequência talvez do intentado afastamento da religião por parte da ciência (Oliveira, data desconhecida).

Assim, o avanço católico sobre a área da educação, especialmente por meio da multiplicação de escolas sob comando de congregações religiosas (Leonardi, 2008), fez parte de um conjunto de adaptações católicas às transformações pelas quais passava o Brasil em sua busca por inserir-se na modernidade já consolidada desde o século anterior na Europa. Tal adaptação se deu igualmente dentro de um discurso fundamentalmente conservador que, ainda que pautado no ideal do progresso e modernização, pregava que

a educação pertenceria à Igreja, fato explicado por meio de concepções sobrenaturais, como a missão suprema concedida pelo divino Fundador e a maternidade sobrenatural da Igreja, esposa de Cristo, que gera, nutre e educa seus filhos. Desse modo, a Igreja deveria ser a mestre suprema da missão educativa, sendo ela segura, inviolável e independente de qualquer ingerência terrena; logo, inquestionável e confiável. Nesse sentido, todas as ações humanas estavam submetidas ao juízo e ao poder da Igreja (Oliveira, 2012: 512).

No caso de Goiás, portanto, as ações de Dom Emanuel no âmbito da educação estiveram, por um lado, ligadas a um importante contexto de modernização do estado, uma vez que seu discurso católico se pautou não somente na adaptação da instituição ao mundo circundante de si, mas na luta pela preservação dos valores que acreditava ser pétreos e na restauração de sua posição politicamente hegemônica no país. Este projeto modernizador católico, expresso em Dom Emanuel em Goiás, portanto, corresponde à ânsia católica de adaptação à nova realidade brasileira imposta desde o fim do século XIX, que, na esteira do processo global de modernização – técnica, mas também de valores –, encarava o futuro nacional como necessariamente ligada ao “progresso”, tendo, portanto, que se modernizar. Entretanto, como afirma Robson Gomes Filho (2018: 385-386):

a adaptação católica à modernidade foi na verdade uma tentativa de adaptação da modernidade ao catolicismo, uma vez que não se trata

de uma reelaboração dos valores católicos face às transformações modernas, mas de uma apropriação de elementos modernos (por meio de um esvaziamento e ressignificação do “progresso”, do “melhoramento” e do “moderno”) com a finalidade de se reestabelecer um modo de vida e de sociedade submetidos aos valores definidos pela Igreja (uma neocristandade para além de seu aspecto político), portanto, uma civilização ao mesmo tempo moderna e católica. Neste sentido, não se trata de uma luta contra a modernidade, mas da transformação desta em uma moderna civilização católica, e os meios para se atingir este objetivo, por um lado, estariam na “modernização” (expressamente conservadora), e, por outro, na “luta cultural” (um *Kulturkampf*) contra os grupos religiosos que ameaçavam o monopólio católico e sua legitimidade no mundo moderno, de modo especial, o espiritismo e o protestantismo.

Por outro lado, é importante ressaltar que as ações de Dom Emanuel seguiram um corolário nacional e, em certa medida, institucional. Estas, em última instância, garantiram, por meio da tomada para si de uma das mais importantes áreas do projeto modernizador de Goiás – a educação –, a consolidação de um espaço político da Igreja através de uma área que, desde a Proclamação da República, se pretendia pertencer ao Estado.

3. A EDUCAÇÃO NO PROJETO POLÍTICO E ECLESIÁSTICO DE DOM EMANUEL

As ações de Dom Emanuel Gomes de Oliveira em prol da educação no Estado de Goiás, seja na fundação direta ou indireta de escolas, seja na articulação política de verbas para escolas católicas de sua diocese e posterior arquidiocese, renderam ao prelado, especialmente a partir da década de 1940, importantes reconhecimentos internos e externos à Igreja. Dentre seus pares, por exemplo, Dom Alano Du Noday, bispo de Porto Nacional afirmou em carta a Dom Emanuel, em 6 de julho de 1942, que “as iniciativas de V. Excia. no plano educacional são das mais felizes, fruto do incansável zelo pastoral e da grande experiência de V. Excia.” (Carta de Dom Alano Du Noday a Dom Emanuel Gomes de Oliveira, 1942). Seis anos depois, Dom Francisco de Aquino Corrêa, Arcebispo de Cuiabá, afirmou, em documento de homenagem à celebração de bodas de prata da sagração episcopal de Dom Emanuel: “As benemerências deste pontificado jubilar, máxime no campo da instrução, próprio dos salesianos, e que o povo goiano celebra entusiasticamente neste ano, como um fasto luminoso na história das suas conquistas cívicas e religiosas.” (Silva, s/d: 13) Já no ano seguinte, o próprio Núncio Apostólico, maior autoridade pontifícia no país,

elogiou o trabalho de Dom Emanuel no campo da educação, cuja resposta do prelado, em carta datada de 12 de maio de 1949, afirmava:

Com a devida vênia desejo, aqui, significar a V. Excelência Reverendíssima meus sinceros agradecimentos pelas confortadoras expressões exaradas em recente carta pela apreciação dos trabalhos levados a bom termo nesta Arquidiocese, em prol da educação e ensino da nossa esperançosa juventude – uma das melhores garantias da formação moral das nossas famílias católicas de amanhã (Carta de Dom Emanuel Gomes de Oliveira, Arcebispo de Goiás, a Dom Carlos Chiarlo, Nuncio Apostólico, 1949).

Mesmo fora da Igreja, importantes referências à Dom Emanuel provindas de autoridades civis marcaram as celebrações dos 25 anos de sagração episcopal do arcebispo de Goiás. Na ocasião, por exemplo, o presidente do Senado Federal, senador Fernando Melo Viana, ao indicar ao prelado o epíteto de “Apóstolo da Instrução”, afirmou: “E eu, Sr. Presidente, seu amigo e admirador, acrescento a estas justas expressões de homenagem a minha reverência às suas virtudes peregrinas e à sua constante atividade pelo progresso daquela nobre terra brasileira, que é o Estado de Goiaz” (Silva, s/d: 10). Já o deputado federal Domingos Neto Velasco, em discurso na Câmara Federal em 15 de abril de 1948, afirmou:

Já tive oportunidade de afirmar desta tribuna, que merece Dom Emanuel Gomes de Oliveira, com muita propriedade, o cognome de “Arcebispo da Instrução”. Basta citar o fato que me parece único em nossa História, de haver Sua Excia. Reverendíssima fundado em Goiaz vinte cinco escolas paroquiais, quinze ginásios oficializados, onze escolas normais, duas escolas de aprendizado agrícola, uma escola de enfermeiras equiparada à Escola Ana Nery e haver ainda formado o patrimônio da Escola de Farmácia e Odontologia de Goiânia. Bastam estes serviços prestados ao povo goiano para que Dom Emanuel deva ser incluído entre os maiores homens deste país (Silva, s/d: 15).

Igualmente, o deputado federal Vasco Reis destacou na mesma obra comemorativa do jubileu de prata episcopal de Dom Emanuel:

ARCEBISPO DA INSTRUÇÃO, eis como o conhecem os sedentos de luz; os que buscam dilatar os horizontes do espírito; os que anseiam por legítimas e sempre mais numerosas fontes de saber, por ele disseminadas em profusão, através de sua vasta Providência Eclesiástica (Silva, s/d: 7).

Já nas palavras de Emílio Póvoa, advogado e político goiano, Dom Emanuel:

Pertencente à Ordem Salesiana, insigne propaganda da instrução em todos os setores, onde sua ação benfazeja se faz sentir, não tardou que sua obra em prol da instrução da juventude goiana em nossa Diocese, tão vasta quão pobre em institutos educacionais, aparecesse aos olhos perscrutadores de todos os diocesanos com o brilho alvicareiro dos grandes empreendimentos, sendo por isso e com razão denominado o “Bispo da Instrução” (Silva, s/d: 3).

Em 1951, quando do jubileu de bodas de ouro da ordenação sacerdotal de Dom Emanuel, Pedro Ludovico Teixeira, então governador do Estado, decretou feriado pelas ações educacionais engendradas pelo arcebispo. Tal decreto foi repassado às escolas por Pedro Viggiano que substituíra o titular na Secretaria da Educação, Cônego José Trindade da Fonseca e Silva, e publicado no jornal *O Anápolis*:

Reconhecendo os inestimáveis serviços prestados à instrução, pelo Revmo. Senhor Arcebispo, Dom Emanuel Gomes de Oliveira, o Exmo. Sr. Governador do Estado houve por bem declarar feriado escolar, no próximo dia 16 deste, recomendando à Secretaria da Educação tome providências no sentido de abrilhantar as solenidades comemorativas que serão levadas a efeito naquela memorável data [...] A todos cientificamos da resolução e pedimo-lhes cooperarem conosco, ajudando, assim, a prestar um tributo de gratidão ao Arcebispo que tanto tem feito pelas letras na terra goiana e brasileira, razão por que é chamado Arcebispo da Instrução (Jornal *O Anápolis*. 14 de maio de 1951).

O jornal católico *Brasil Central* publicou os preparativos das comemorações e várias homenagens que reforçavam a alcunha de “Arcebispo da Instrução” cognominado à Dom Emanuel. Outros jornais também publicaram homenagens ao jubileu de bodas de ouro do arcebispo, reforçando igualmente o mesmo epíteto, tais como *O Gazeta de Vitória – ES*, *O Lavoura e Comércio de Uberaba – MG*, *O Anápolis* da cidade de Anápolis – GO e *Correio Popular* de Campinas – GO. Além disso, Dom Emanuel também recebeu homenagens da Câmara dos Deputados e do Congresso Nacional (Menezes, 2001).

Ainda que haja exageros nas mais lidas obras da historiografia eclesiástica sobre as conquistas de Dom Emanuel no âmbito da educação em Goiás, de fato os números conquistados pelo arcebispo impressionam, já que, entre sua chegada, em 1923, e sua morte, em 1955, Dom Emanuel auxiliou direta ou indiretamente na instalação de 57 escolas de Ensino Primário, 31 Ginásios, 5 escolas de Ensino Médio, 21 escolas de Ensino Normal, 4 de Ensino Técnico e 6 Faculdades que, posteriormente, se

transformaram na Universidade Católica de Goiás (Menezes, 2001: 114-118)³. Todavia, muitas instituições de ensino que foram inseridas nesta contagem, por meio das quais o epíteto de “Arcebispo da Instrução” foi progressivamente construído, não foram de fato fundadas por Dom Emanuel. Ainda que a participação/influência do prelado na instalação ou abertura de novos níveis de educação de muitas delas tenha realmente ocorrido, a fundação de fato por intermédio ou ação direta do bispo só ocorreu, segundo pudemos verificar em nossas fontes e pesquisas, em 11 instituições, conforme pode ser verificado na tabela abaixo.

Tabela 1: Escolas efetivamente fundadas por Dom Emanuel

Escolas	Cidade	Ano
Ginásio Arquidiocesano Anchieta	Bonfim	1929 ¹
Ginásio e Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora	Bonfim	1932
Ginário e Escola Normal Nossa Senhora Aparecida	Ipameri	1936
Ginásio e Escola Normal Senador Hermenegildo de Moraes	Morrinhos	1936 ²
Ginário e Escola Normal Santo Agostinho	Goiânia	1937
Escola Normal Nossa Senhora do Carmo	Pirenópolis	1937
Ginásio e Escola Normal Auxilium	Anápolis	1938
Ateneu Dom Bosco	Goiânia	1942 ³
Ginásio do Planalto	Formosa	1942
Ginásio São Francisco	Anápolis	1944
Ginásio Arquidiocesano de Jaraguá	Jaraguá	1947
1. O Ginásio Anchieta começou a ser construído em 1925, neste mesmo ano foi lançada a pedra fundamental.		
2. O Colégio Senador Hermenegildo de Moraes foi fundado em 1936, inaugurado em 1937 e começou a funcionar de fato em 1938.		
3. De acordo com o livro <i>Vinte e cinco anos de benefícios ao Estado de Goiaz</i> , escrito em homenagem ao Jubileu de prata de Dom Emanuel, o Ginásio Ateneu Dom Bosco teria sido fundado em 1937. Porém, no site da instituição, que permanece em funcionamento, a data da fundação foi 1942.		

Fonte: Tabela construída pela autora com base nos dados identificados nas fontes abaixo listadas⁴

³ Tais fundações ocorreram nos mais diversos municípios de todo o Estado de Goiás, como Itumbiara, Jaraguá, Trindade, Cumari, Anápolis, Buriti Alegre, Catalão, Itaçu, Planaltina, Palmeiras, Pirenópolis, Anicuns, Abadiânia, Corumbá, Ipameri, Morrinhos, Silvânia, Petrolina, Brasília, Pires do Rio, Goiandira, Orizona e Itaberaí. Somente na capital, Goiânia, foram dezenove escolas primárias que carregaram a influência de Dom Emanuel em sua fundação.

⁴ OLIVEIRA, Dom Emanuel Gomes de. **Carta de Dom Emanuel a Nunciatura Apostólica**. Datilografada. 4 Folhas. Goiânia, 02 de maio de 1947. Arquivo do Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central. Os dados complementares foram retirados das seguintes fontes: OLIVEIRA, Dom Emanuel Gomes de. **Estatuto do "Ginásio Arquidiocesano do Planalto" de Formosa**, Estado de Goiaz. Data desconhecida. Rascunho manuscrito. 4 folhas. Arquivo do Instituto de Pesquisa e Estudo Históricos Brasil Central; BARROS, Aparecida Maria Almeida; SANTOS, Rosilene Alves da Silva. "Ginásio para Meninos" em Morrinhos - GO (1936-1971). **III Encontro de História da Educação da Região Centro-Oeste**. Catalão - GO, Agosto de 2015; FERREIRA, Padre José Lopes (editor). Bonfim. **Jornal Santuário da Trindade**, Ano 3 n. 111. Campinas – GO, 30 de maio de 1925. p. 2 e; SILVA, Cônego José Trindade da Fonseca e; JUBÉ, José M. Ramos; LOBO, José F. de Souza. (Orgs.). **Vinte e Cinco Anos de Benefícios ao Estado de Goiaz: a Dom Emanuel**

Além disso, José Trindade da Fonseca e Silva – o “Cônego Trindade” –, em *Lugares e Pessoas* (a primeira edição é datada de 1948, mas utilizamos a edição de 2006), e, conseqüentemente, as posteriores obras que replicaram suas informações, atribuíram à Dom Emanuel a criação de escolas que já estavam fundadas e em pleno funcionamento quando da sua nomeação como bispo de Goiás, como a Escola Normal e Ginásio Santa Clara – fundada em 1922 pelas Irmãs Franciscanas de Au, Alemanha sob convite dos Missionários Redentoristas –, Ginásio de Sant’Ana – fundado em 1889 pelas Irmãs Dominicanas de Monteils, sob convite de Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão, então bispo de Goiás⁵ –, O Colégio Mãe de Deus – fundado em 1921 pela articulação dos Padres Estigmatinos que trouxeram cinco Madres para fundar o colégio⁶ – e, o Colégio São José de Formosa – fundado em 1930 pelas Irmãs Dominicanas⁷ –. O mesmo pode ser dito da Academia de Direito – fundada em 1898⁸ – e Escola de Pharmacia e Odontologia – fundada em 1922 (Borges; Camelo, 2016) –. O exagero do Cônego foi replicado em obras futuras que tratariam também do assunto, por exemplo o livro *Dom Emanuel Gomes de Oliveira: Arcebispo da Instrução*.

Os números e homenagens – todas a partir da década de 1940 – têm um efeito singular na importância de Dom Emanuel, e, conseqüentemente, da Igreja Católica, na História da Educação recente do Estado de Goiás. Todavia, mais do que ressaltar os números, conquistas, epítetos e homenagens, compete-nos questionar que tipo de projetos o “arcebispo da instrução” tinha por trás de tal investimento em uma área específica em Goiás. Tais projetos, ainda que ligados a um movimento mais amplo de retomada de espaço da Igreja no âmbito da educação, especialmente desde a

Gomes de Oliveira, primeiro Arcebispo de Goiaz (1923-1948). Documento impresso. 55 folhas. Arquivo do Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central. Além disso, outros dados foram consultados nos seguintes sítios eletrônicos: <http://www.ateneusalesiano.com.br/> ; <https://www.refeduc.com.br/institucional/historico.vm> ; <http://www.colegioauxilium.com.br/> ; <http://santoagostinho.agostinianas.com.br/> e; <http://www.seduc.go.gov.br/educacao/especiais/vivaereviva/jaragua/trabalhoginasio.asp> Acesso: 21/04/2019

⁵ Disponível em: <https://secom.ufg.br/p/8641-colegio-sant-anna-fecha-as-portas> Acessado em 10/04/2019

⁶ Disponível em: <http://maededeus.agostinianas.com.br/o-colegio/historia> Acessado em 10/04/2019

⁷ Disponível em: <http://www.colegiosaojoseformosa.com.br/nossa-escola/historia/> Acessado em 10/04/2019. Interessante destacar que Dom Emanuel participou da transição da administração das Irmãs Dominicanas para as Irmãs de Jesus Adolescentes, que assumiram por apenas dois anos e, por último, a direção ficou a cargo da Congregação das Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores a partir de 1945.

⁸ Disponível em: <https://direito.ufg.br/p/129-historia> Acessado em 10/04/2019

publicação da *Divini Illius Magistri*, em 1929, teriam particularidades relacionadas a todo contexto histórico, político e eclesiástico até aqui exposto?

Para iniciar nossa argumentação sobre tais questões, importa ressaltar que nos primeiros anos do episcopado de Dom Emanuel a educação não foi tema relevante em seus discursos, entrevistas, cartas pastorais etc. Antes, ainda que em toda a construção da biografia de Dom Emanuel reforce-se a ideia de que, quando de sua chegada em 1923, o prelado já ali manifestara sua inconformidade com o estado da educação em Goiás e seu “ardente desejo” de transformá-la, em uma de suas primeiras entrevistas como bispo de Goiás, concedida ao jornal *Santuário da Trindade*, publicada em 20 de dezembro de 1924, Dom Emanuel elogia a instrução pública goiana:

– Que nos diz V. Ex. Rvma. a respeito da instrução pública goyana?
– Acho que, relativamente, Goyaz vai muito bem, em matéria de instrução pública. Temos lá Academia de Direito, uma Escola de Pharmacia e Odontologia, três Escolas Normaes, uma do governos e duas equiparadas. Destas, uma está na capital e é dirigida pelas Irmãs Dominicanas, com cerca de 500 alumnas e também com sucursal em Formosa. Outra está em Pyrenopolis, o celebre centro da antiga aristocracia goyana, que ouço dizer, sob a direção das irmãs Filhas de Jesus. Além disso há innumeradas escolas primarias, por todo o Estado, ora do Governo, ora particulares, muitas das quaes subsidiadas pelos cofres públicos. Como instituidoras particulares, distinguem-se as Irmãs Franciscanas (em Campinas e Trindade), as Agostinianas (em Catalão e Rio Verde) e as Filhas de Jesus em Pyrenopolis). Como educador emérito, distingue-se o pae do Dr. Americano do Brasil, o venerando professor Antonio Euzebio, que em Campinas de Goyaz tem um magnifico estabelecimento de instrução, muito bem frequentado (Ferreira, 1924: 3).

Curiosamente, em nota sobre o ensino em Goiás à Ação Católica, em 1948, Dom Emanuel faz uma leitura retrospectiva sobre seus 25 anos de bispado em Goiás, cujo conteúdo contradiz sua entrevista acima referida, o que mostra como o próprio bispo, uma vez consolidada sua imagem como “arcebispo da instrução” na década de 1940, adotou este discurso de que a educação fora, desde sempre, sua prioridade em Goiás. Na referida nota, o bispo afirma que:

Quando, em 1923, foram iniciados os primeiros passos para a plañificação dos trabalhos pastorais entregues à nossa responsabilidade, nesta diocese, um dos pontos fracos que tivemos de abordar, *logo*, foi o da instrução primária e secundária. Existia, então, no Estado, um ginásio, apenas, o liceu de Goiaz, e um número

pouco animador de estabelecimentos primários, quer oficiais, quer particulares (Oliveira, 1948. *Grifo nosso*).

Mesmo em sua primeira Carta Pastoral, intitulada *Annunciando do Jubileu do corrente anno*, já em 1926, Dom Emanuel não faz qualquer menção à questão da educação em Goiás. Nas demais documentações disponíveis entre 1923 e 1929, o tema da educação não tem qualquer relevância, a não ser no que tange à construção do Ginásio Anchieta, em Bonfim, como discutiremos mais adiante.

A razão para este aparente pouco interesse de Dom Emanuel pela questão da educação em Goiás em seus primeiros anos de governo, segundo nos parece, se deve ao fato de que a questão que mais urgia à Dom Emanuel quando chegara a Goiás foi resolver a difícil situação financeira em que se encontrava sua diocese. Para tanto, o bispo concentrou seus esforços na revisão contratual dos missionários redentoristas o com a diocese, cuja consequência seria – depois de anos de desgastantes conflitos – a tomada para a mitra diocesana de boa parte dos recursos do *Santuário da Trindade*.

Sobre isso, uma interessante carta de Dom Emanuel ao redentorista Pe. João Batista Kiermeier – principal mediador entre o bispo e os superiores redentoristas na primeira contenda pelo contrato – em 3 de maio de 1925 ilustra bem este nosso argumento. Ali, Dom Emanuel informa ao missionário alemão que pretende “assentar a primeira pedra de um colégio de instrução em Bonfim, onde encontramos boa vontade” (COPRESP-A. Carta nº. 2686) apresentando a ele seu ainda tímido projeto político para com a educação junto ao Estado:

Estive com o futuro governo Brasil Caiado (o barbudo, lembra-se?), que parece bem animado em propagar a instrução e profilaxia rural. Vamos trabalhar, portanto, neste ramo deveras importante como me dizia Vossa Revma. em uma de suas apreciadas cartas: se tivéssemos uma outra congregação para o ensino, Goiás estaria bem servido (COPRESP-A. Carta nº. 2686).

O trecho acima demonstra que, por um lado, a educação aparece naquele momento já como uma possibilidade de ação do bispo junto ao Estado, algo que esboça já um possível projeto político. Todavia, por outro, tal projeto ainda não parece estar bem articulado, uma vez que o prelado lamenta a falta de congregações para servir a seu intento – algo que efetivamente o fará somente nas décadas seguintes. Mais que isso,

logo após esta breve menção à educação ainda como possível projeto, o bispo atém-se propriamente no que mais urgentemente lhe aflige: o contrato. Na sequência da carta Dom Emanuel cobra de seu destinatário:

Revd. Pe. João, peço-lhe queira encarecidamente tomar assim como empenho a solução pronta, rápida desse assunto do nosso contrato. É um grande espinho que nos deverá amargurar a nós todos. Vamos trabalhar em santa paz. Eu não posso duvidar que essa santa paz nos venha a faltar neste ano de graças. Eu confio muito e espero tudo de sua ação sempre prudente e reta (COPRESP-A. Carta nº. 2686).

Assim, com a resolução dos conflitos com os redentoristas pelas rendas do Santuário de Trindade, conforme discutimos em nosso capítulo anterior, a diocese goiana não apenas recuperou-se financeiramente, mas recuperou de vez seu espaço de poder face ao clero goiano, o que lhe possibilitou de fato passar a investir em um projeto de poder não apenas na esfera religiosa, mas também política.

Desse modo, já na década de 1930 a diocese goiana sob Dom Emanuel passou a investir seus esforços no reempoderamento político e social da instituição face ao Estado, uma vez que seu poder real fora significativamente abalado desde a Proclamação da República no final século XIX. Para tanto, como ressalta Ronaldo Vaz, o principal caminho vislumbrado por Dom Emanuel foi a educação. Segundo o historiador goiano,

ao fundar colégios por todo Estado, Dom Emanuel visava não somente suprir a carência que havia destes. A escolha de uma determinada cidade para receber um colégio católico representava um atestado de prestígio e de reforço da autoridade da oligarquia dominante. Apertavam-se os laços entre coronéis e Igreja. Os elogios feitos ao cel. José Gomes Lousa, de Bonfim, grande amigo de Dom Emanuel, pelo Pe. José Quintiliano no jornal da Diocese, servem como exemplo e informam sobre aceitação do catolicismo romanizado. Em uma página inteira, elogiou-se fartamente o coronel e sua família. O motivo é claro, sua colaboração com Dom Emanuel na construção do Ginásio Anchieta – motivando a outros coronéis e fazendeiros – e ainda no caso da casa de São Vicente e do Seminário, cedendo ainda sua casa para a residência episcopal em Bonfim. (Vaz, 1997: 240)

O caso descrito por Ronaldo Vaz sobre Bonfim é de fato instigante. A cidade de Bonfim, hoje Silvânia, parece ter exercido sobre Dom Emanuel uma atração singular. O local, descrito pelos missionários redentoristas como contendo um “clima salubérrimo” (Ferreira, 1926: 2) já em 1926, foi escolhido pelo bispo para sediar o

Seminário Santa Cruz e, por isso, tornou-se sua residência temporária até 1933, quando transferiu decididamente a residência episcopal da capital para o referido município. Durante a peleja pela escolha da nova capital, como discutimos no capítulo anterior, fora Bonfim o lugar escolhido e defendido por Dom Emanuel, cuja derrota para Campinas – sob jurisdição dos redentoristas – acirrou ainda mais os ânimos entre o prelado e os missionários alemães, e mesmo com o governo liberal de Pedro Ludovico Teixeira.

Em Bonfim, finalmente, Dom Emanuel deu início ao seu projeto educacional, fundando o Ginásio Anchieta, cujas obras se iniciaram em 1925 e foi inaugurado em 1929 (Silva; Jubé; Lobo, s/d: 46). Além do Ginásio, o bispo ainda construiu outro colégio direcionado a meninas, o Colégio Nossa Senhora Maria Auxiliadora, e, além de levar água encanada para ambos os colégios – o que era considerado um progresso –, transferiu a sede do jornal católico *Brasil Central* da capital para sua predileta cidade e articulou ali a criação de uma escola agrícola em anexo ao Ginásio. Alguns desses projetos foram comentados pelo bispo em entrevista ao jornal *Santuário da Trindade* ainda em 6 de fevereiro de 1926:

Preocupa-me presentemente a construção de um Gymnasio na lendária cidade de Bonfim. Idem, idem de uma Escola Agrícola Prática, anexa ao mesmo Gymnasio, em terrenos pertencentes ao patromonio da Matriz parochial, além de um curso de Contabilidade. Entendo assim prestar um beneficio à nossa população, preparando-a para a luta de competências no dia de amanhã (Oliveira, 1926: 3).

De fato, em Bonfim Dom Emanuel traçou sua primeira grande articulação política em Goiás, tendo como pano de fundo a educação. Ao transferir para lá o Seminário, a cidade ganhou novo impulso e, por isso, Dom Emanuel recebeu das autoridades e população locais prestígio e apoio que lhe alavancariam social e politicamente no sul de Goiás nos anos posteriores. Em carta ao superior da casa redentorista de Campinas, Pe. João Batista Kiermeier, datada de 19 de junho de 1926, Dom Emanuel afirma que

povo e autoridades estão satisfeitos e não poupam esforços para vir ao encontro dos nossos ideais, estando convencidos de que a alma mater do promissor ressurgimento da velha Bonfim é tão somente devido à ideia da transferência de nosso seminário para ali e o lançamento da primeira pedra do nosso colégio diocesano. Estivesse já construído o prédio, funcionando o nosso ginásio e o número de

matrículas seria logo completo, tal a quantidade de pedidos insistentes que vamos recebendo. Cerca de 40:000\$000 já nos ofereceu o bom povo bonfinense para a empresa – nova entre nós da criação de um colégio de educação e instrução superior nesse sul do Estado (COPRESP-A, 9º Volume – 1925-1927. Carta nº. 2839).

O investimento de Dom Emanuel na construção do Ginásio Anchieta foi expressivo. Segundo comentou o redentorista Pe. Conrado Kohlman ao seu superior, em carta datada de 24 de maio de 1925, a previsão inicial dos custos das obras do Ginásio era de 100:000\$000 – cem contos de réis – a ser desembolsado somente pela diocese (COPRESP-A, 9º Volume – 1925-1927. Carta nº. 2698). Para se ter uma ideia do que este montante representava, somente a dívida da diocese assumida por Dom Emanuel, dois anos antes, era de 74:500\$000 – setenta e quatro contos e quinhentos mil réis –, descrita por ele próprio como uma quantia “de enorme importância.” (Oliveira, 1923) Em uma outra comparação importante, o rendimento de toda a festa de Trindade no ano anterior – motivo de tanta polêmica entre Dom Emanuel e a congregação redentorista, conforme discutimos no capítulo anterior – foi de 80:508\$700 – oitenta contos, quinhentos e oito mil e setecentos réis (COPRESP-A, 8º Volume (1923-1924). Carta nº. 2460)

Todavia, se, por um lado, os custos para com este projeto eram altos, por outro o retorno foi significativamente importante para Dom Emanuel. Com a construção das escolas, o bispo obteve expressivo apoio da população, autoridades e mandatários locais, o que permitiu a Dom Emanuel uma importante posição política, a ponto de conquistar feitos importantes para a cidade junto ao Estado, como o desvio do traçado original da via férrea para que passasse não somente nas proximidades da cidade, mas dentro do patrimônio da Igreja, conforme narra na mesma carta acima referenciada:

Neste momento, graças a boa vontade do Dr. Ministro da Viação, temos os engenheiros desviando o traçado de nossa via férrea para descer a Bonfim, a quilômetro e meio apenas de distância, entre nossos futuros estabelecimentos de ensino – ginásio, escola agrícola e seminário, dentro do patrimônio da Igreja – e a cidade de Bonfim (COPRESP-A, 9º Volume – 1925-1927. Carta nº.2698).

Este alto investimento e aposta financeira e política de Dom Emanuel na cidade de Bonfim mostraram seus resultados já no início da década seguinte, durante o

processo de escolha da nova capital do Estado, fundada sob a gestão do interventor Pedro Ludovico Teixeira, conforme discutimos em nosso capítulo anterior. Naquele momento, ainda que Dom Emanuel – como presidente da comissão para escolha do local para a construção da nova capital – não tenha saído vitorioso em sua insistente predileção por Bonfim, o fato é que o poder político por ele ali alcançado levara o próprio governador goiano a repensar o fato de “viver à sombra da Igreja e de Dom Emanuel, numa cidade onde o prestígio do bispo era enorme, tido por salvador da mesma” (Vaz, 1997: 260). A fonte dessa importantíssima conquista de espaço político em Bonfim, até então nunca antes obtido pela Igreja em lugar algum em todo o estado de Goiás, mesmo durante o padroado, se deveu antes de tudo à sua investida no campo da educação na cidade. O projeto de Dom Emanuel, a partir daí, passou a ser um expressivo investimento na área da educação em todo o estado de Goiás, cujo espelho foi o sucesso inquestionável alcançado em Bonfim.

Portanto, face ao exposto, argumentamos que, ainda que a biografia/hagiografia de Dom Emanuel – e mesmo o próprio bispo em retrospectiva – busque construir a ideia de que, desde 1923, ano da chegada do prelado em Goiás, a educação fora sua primeira preocupação e prioridade, não há qualquer indício histórico nas fontes de que tal projeto tivera força de fato antes da década de 1930. O que permitiu, a partir desta década, que tal projeto de fato tomasse força, segundo nos parece, foi, por um lado, a consolidação financeira da diocese devido à tomada das rendas do Santuário de Trindade dos Redentoristas via revisão do contrato, e, por outro, a mudança na balança política entre Igreja e Estado com a imposição da intervenção federal, que levou ao poder um político declaradamente liberal, Pedro Ludovico Teixeira, tornando urgente e estratégica a necessidade de demarcação e consolidação de espaço político pela Igreja em Goiás.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, é possível distinguirmos três momentos distintos da atuação de Dom Emanuel na política em Goiás: 1) um curto, mas importante momento de conciliação do bispo com o Estado na década de 1920; 2) um período de tensão e autoafirmação política da Igreja face ao Estado na década de 1930, especialmente em decorrência das consequências do golpe de Vargas e da transferência da capital

em Goiás; 3) e um período final de estabilidade e consolidação na década de 1940, que acaba por se estender até sua morte, em 1955.

Inserindo-se a questão da educação neste quadro, no primeiro momento – década de 1920 –, portanto, Dom Emanuel, então aliado do governo de Brasil Ramos Caiado, não tem na educação um projeto de primeira urgência, ainda que tal projeto esteja já em gestação e experimentação por meio da construção do Ginásio Anchieta. Antes, como afirmou na entrevista ao jornal *Santuário da Trindade* que há pouco referimos, para Dom Emanuel “Goyaz vai muito bem, em matéria de instrução pública.”

Nos anos 1930, momento de acirramento político e, por isso, de necessidade de tomada e consolidação de espaços de poder da Igreja face ao Estado – agora possível tanto graças à sua ascensão e consolidação financeira, quanto à sua força política obtida em Bonfim –, a educação passou a ser o carro-chefe fundamental sobre o qual se apoiava o bispado de Dom Emanuel. Naquela altura, os bons resultados políticos obtidos em Bonfim por meio da construção do Ginásio Anchieta serviram de espelho para um projeto de longo alcance em Goiás, cuja expansão expressiva do número de escolas católicas por todo o sul do estado – região de maior força política – tornou a Igreja uma instituição necessária para o progresso de Goiás em uma área de deficiência histórica do poder público. O resultado disso pode ser visualizado nas décadas de 1940 e 1950 – terceira fase –, momento cuja imagem do “arcebispo da instrução” se consolidara e, por conta disso, a Igreja Católica sob Dom Emanuel obteve expressivo espaço político, especialmente com a indicação de um de seus braços-direitos, Cônego José Trindade da Fonseca e Silva, para a Secretaria de Educação do Estado de Goiás, em 1951, e eleição para Deputado Federal, em 1955. É igualmente nesta última fase que se concentra mormente as mais significativas redes de influência e contatos de Dom Emanuel no âmbito político e religioso em prol da educação⁹.

⁹ Como exemplos, podemos citar: um conjunto de correspondências entre Dom Emanuel e Frederick Hall, coordenador do Inter-American Affairs dos EUA, sobre instituições católicas no país norte-americano em maio de 1945; convite recebido por Dom Emanuel pelo Pe. Artur Alonso, em agosto de 1948, para participar do 3º Congresso Interamericano de Educação Católica; correspondências entre Dom Emanuel e Dom Helder Câmara, arcebispo do Rio de Janeiro, em fevereiro de 1953, tratando sobre encontro de diretores diocesanos de ensino de religião; dentre outros. Todas estas documentações estão presentes no Acervo do Instituto de Pesquisa de Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*. Tradução e prefácio de J. Dias Pereira. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- AZEVEDO, André Nunes de. *Da Monarquia à República: um estudo dos conceitos de Civilização e Progresso na cidade do Rio de Janeiro entre 1868 e 1906*. Rio de Janeiro. Tese de Doutorado - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2003.
- AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: Tomo II/3-2: terceira época: 1930-1964*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2008.
- BORGES, Elisabeth Maria de Fátima; CAMELO, Cristiane Nery Alves. Escola de Farmácia e Odontologia de Goyaz: Espaço de Ensino e Memória da Cidade de Goiás – GO (1922-1931). *Revista Científica FacMais*, Vol. V n. 1, 2016.
- CHAUL, Nars Fayad. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: Editora da UFG, 2002.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Vol. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- GOMES FILHO, Robson. Entre a benção e a maldição: (re)ações do catolicismo à modernização e modernidade europeia no século 19. *Revista Topoi*. Vol. 20, n. 41, maio-agosto, 2019.
- GOMES FILHO, Robson. *Missionários Redentoristas alemães e as expectativas de progresso e modernização em Goiás (Brasil, 1894-1930)*. Tese (doutorado em História em regime de dupla titulação). 2 Volumes. Niterói (RJ): Instituto de História da Universidade Federal Fluminense; Eichstätt (BY, Alemanha): Geschichts- und Gesellschaftswissenschaftsfakultät bei der Katholische Universität Eichstätt-Ingostadt, 2018.
- GOMES, Vanessa Carnielo Ramos. *Dom Emanuel Gomes de Oliveira e a educação em Goiás (1923-1947): entre a Igreja e o Estado*. Tese (doutorado em Educação). Uberlândia (MG): Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, 2019.
- KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- LEONARDI, Paula. *Além dos espelhos. Memórias, imagens e trabalhos de duas Congregações católicas francesas em São Paulo*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- MENEZES, Áurea Cordeiro. *Dom Emanuel Gomes de Oliveira: Arcebispo da Instrução*. Goiânia: AGEPEL, 2001.
- NUNES, Radamés Vieira. *Francisco Ayres, lembranças de um porvir*. Porto Nacional e a modernização no norte de Goiás. Tese (doutorado em História). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2016.
- OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. *As representações do medo e das catástrofes em Goiás*. Tese de Doutorado – Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

OLIVEIRA, Lúcia Helena Moreira de Medeiros. O pensamento educacional católico restaurador – uma análise dos documentos pontifícios na Primeira República. *Cadernos de História da Educação*. Vol. 11, n. 2, 2012.

QUADROS, Eduardo Gusmão de. Conversão com diversão? Ou como o catolicismo fez as pazes com o cinema durante a Primeira República em Goiás. *Revista de História da UEG*. Porangatu, Vol. 2, n. 1, 2013.

SILVA, José Trindade da Fonseca e. *Lugares e Pessoas: subsídios eclesiásticos para a história de Goiás*. Goiânia: Editora da UCG, 2006.

VAZ, Ronaldo Ferreira. *Da separação Igreja-Estado em Goiás à nova cristandade (1891-1955)*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Goiás, 1997.

Fontes consultadas

Carta de Dom Alano Du Noday a Dom Emanuel Gomes de Oliveira. Pedro Afonso, 6 de julho de 1942. Manuscrito. 1 Folha. Arquivo do Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central.

Carta de Dom Emanuel Gomes de Oliveira, Arcebispo de Goiás, a Dom Carlos Chiarlo, Núncio Apostólico. Goiânia, 12 de maio de 1949. Datilografado. 1 folha. Arquivo do Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central.

COPRESP-A, 7º Volume (1921-1922). Carta nº. 1795. Pe. João Batista Kiermeier ao Pe. Tiago Klinger. Campinas -GO, 02 de janeiro de 1922.

COPRESP-A, 8º Volume (1923-1924). Carta nº. 2460. Carta do Mons. Confúcio Amorim a Dom Emanuel Gomes de Oliveira. Goiás, 10 de julho de 1924.

COPRESP-A, 9º Volume – 1925-1927. Carta nº. 2686. Carta de Dom Emanuel Gomes de Oliveira, bispo de Goiás, ao Pe. João Batista Kiermeier, superior da casa de Campinas. Goiás, 03 de maio de 1925.

COPRESP-A, 9º Volume – 1925-1927. Carta nº.2839. Carta de Dom Emanuel Gomes de Oliveira, bispo de Goiás, ao Pe. João Batista Kiermeier, superior da casa de Campinas. Morrinhos, 19 de junho de 1926.

FERREIRA, Pe. José Lopes. “Gymnasio Anchieta”. Santuário da Trindade. Anno 4, número 144, 06 de fevereiro de 1926.

FERREIRA, Pe. José Lopes. “Pela grandeza de Goyaz: uma entrevista com o Excmo. E Revmo. Bispo dom Manuel Gomes de Oliveira.” Santuário da Trindade. Anno 3, número 89, 20 de dezembro de 1924.

Jornal O Anápolis. 14 de maio de 1951.

OLIVEIRA, Dom Emanuel Gomes de. Carta de Dom Emanuel ao Brigadeiro Eduardo Gomes. Goiânia, 03 de março de 1955. Datilografado. 1 Folha. Arquivo do Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central.

OLIVEIRA, Dom Emanuel Gomes de. Documento avulso sem título. Data desconhecida, 1954. Datilografado. 5 Folhas. Arquivo do Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central.

OLIVEIRA, Dom Emanuel Gomes de. Documento avulso sem título. Data desconhecida, 1954. Datilografado. 5 Folhas. Arquivo do Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central.

OLIVEIRA, Dom Emanuel Gomes de. Documento avulso sem título. Data desconhecida. Datilografado. 6 Folhas. Arquivo do Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central.

OLIVEIRA, Dom Emanuel Gomes de. Interesses materiaes e espirituas da Diocese Goyana. Santuário da Trindade. Ano 4, n. 144, 6 de fevereiro de 1926.

OLIVEIRA, Dom Emanuel Gomes de. Notas sobre o Ensino. Data desconhecida, 1948. Datilografado. 3 Folhas. Arquivo do Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central.

OLIVEIRA, D. Emanuel Gomes de. Primeira circular aos vigários de Goyaz. Cartas avulsas. Goiânia: Instituto de Pesquisa de Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC). 21 de agosto de 1923.

SILVA, Cônego José Trindade da Fonseca e; JUBÉ, José M. Ramos; LOBO, José F. de Souza. (Orgs.). Vinte e Cinco Anos de Benefícios ao Estado de Goiaz: a Dom Emanuel Gomes de Oliveira, primeiro Arcebispo de Goiaz (1923-1948). Documento impresso. 55 folhas. Arquivo do Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central. s/d.

SILVA, Cônego José Trindade da Fonseca e; JUBÉ, José M. Ramos; LOBO, José F. de Souza. (Orgs.). Vinte e Cinco Anos de Benefícios ao Estado de Goiaz: a Dom Emanuel Gomes de Oliveira, primeiro Arcebispo de Goiaz (1923-1948). Documento impresso. 55 folhas. Arquivo do Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central. s/d.